

# A REGENERACÃO

Proprietário:  
**Dr. Alberto Teixeira Forte**  
Visado pela Comissão de Censura

Fundadores:  
**DR. JOSÉ MARTINHO SIMÕES**  
**DR. MANUEL SIMÕES BARREIROS**  
**PROF. JOÃO ANTÓNIO SEMEDO**

Director:  
**DR. DOMINGOS DUARTE**  
Editor:  
**DR. ALBERTO TEIXEIRA FORTE**

Redacção e Administração—Bairro Teófilo Braga  
**Figueiró dos Vinhos**  
Composição e Impressão na:  
Gráfica de Coimbra—Bairro de S. José, 2—Telef. 2857

## Figueiró dos Vinhos perdeu mais um Homem

### FICOU A IDEIA

De implacável doença, de que vinha sendo vítima há cerca de seis meses, faleceu no dia 23 do mês de Abril o nosso saudoso e muito querido Amigo, Reverendo Arcipreste Padre António João de Almeida Inglez.

Eram dezassete horas daquele dia; minutos antes, tínhamos conversado com ele sobre assuntos os mais diversos; a sua frase espontânea e elevada, o seu raciocínio, revelador de uma grande inteligência, pareciam distar bem longe dos últimos momentos da sua vida.

Mas... a doença não perdoava e, na realidade, àquela hora precisa, ele quis dizer-nos qualquer coisa que já não pôde: o seu estado de fraqueza já não deixou articular ao nosso Bom Amigo as últimas palavras que pretendeu dirigir-nos.

A sua voz que fora sempre tão eloquente, que atraiu e interessou os auditórios mais selectos, e que ainda hoje parece impressionar o nosso ouvido, apagava-se para sempre; o seu coração, que incessantemente foi tão bondoso e amigo, deixou de palpitar.

Momento trágico da nossa vida.



Reverendo Padre António Inglez

Pensámos: será horrível sonho... ou antes, terá o querido Padre António adormecido?

Querido Amigo, faze, diga-nos qualquer coisa, acorde!

Ficámos estupefactos; o nosso psíquico pareceu ter paralizado por momentos.

Era a sinistra realidade, que como violenta machadada atingia profundamente o nosso coração.

O nosso querido Padre António viveu o último momento da sua vida.

A sua Família, os seus Amigos, os seus Paroquianos, Figueiró, acabavam de perder para sempre o amigo dedicado, o sacerdote muito querido e estimado, o trabalhador incansável, o homem de integro carácter até à morte, o orador sagrado ouvido e admirado por tantos; perdiam para sempre aquele que foi o Padre António.

Rememoremos a sua vida.

Filho de pais humildes, honestos e trabalhadores, pequenos proprietários da freguesia de Colmeias; seu pai, na luta pela vida deixa os seus e sai para o Brasil; tinha seu filho António alguns meses apenas; este não chegou a conhecê-lo, pois que, emigrando para Terras de Santa Cruz, de lá não voltou.

Sua mãe, pessoa inteligentíssima, e de rara acção, teve de chamar a si a administração da casa agrícola, a manutenção dos seus.

Decorreram os anos e António Inglez ingressou no Seminário de Coimbra.

A breve trecho as suas qualidades de trabalho e de inteligência impressionaram de sobremaneira o Professorado, que o destaca, entre todos, com elevadas classificações.

Faz um curso brilhantíssimo, que termina com vinte anos apenas.

Ordenou-se em Dezembro de 1910:

O novo sacerdote, não obstante a época de intranquilidade para a Igreja, que então se vivia, era padre, tinha a sua fé bem firme, defendia a sua Ideia, e nada houve que o fizesse estremecer.

Era padre e queria sê-lo até à morte. Durante alguns anos foi coadjutor na sua freguesia de Colmeias.

As suas excelsas qualidades de inteligência, de saber, de bondade e de tra-

(Continua na 3.ª página)

### DESCANSA EM PAZ!...

(À memória do meu saudoso amigo,  
P.º António Inglez, falecido em Figueiró  
dos Vinhos a 23 de Abril de 1950)

Morreu o Padre António!...  
Vestiu crepes a Igreja! Ficou de luto Figueiró!...  
Cinza e pó:  
— Eis o fim de tudo, no conceito erróneo  
Dos que dizem que a vida acaba ali...  
Morreu o Padre António!...  
Mas o seu nome vive para quantos o viram como eu vi!...  
Se as estrelas são as almas dos que morrem, a alumiar o Céu,  
O Padre António não morreu:  
— É uma nova estrela que nasceu!...  
Impulsionado pela gratidão  
O coração bate mais. E não se cansa  
De ser humano coração!  
— É o nome do Padre António  
Toma vulto na lembrança  
Daqueles a quem deu nome, comunhão e matrimónio!...  
Quem pode esquecer o seu convívio?  
O seu conselho amigo que nos era alívio?...  
O cachoar fluente e eloquente da palavra  
Com que pregava e dilatava a Fé  
Aliciando as almas?... Convertia até!...  
— O seu gosto artístico!...  
Como que vivia  
A Pintura, o Teatro, a Música, a Poesia!...  
...Por que bates coração?!...  
— O nosso sentimento não seria idóneo  
Se não mantivesse aceso o clarão  
Com que a saudade o tempo desafia.  
— Descansa em paz Padre António!...  
Padre Nosso!... Avé Maria!...

Porto, 1950.

FRANCISCO PIRES

### A nossa homenagem

Passam os tempos! Morrem os astros! E após a sua passagem, após a sua morte, vem o esquecimento, e tudo acabou. Mas com os homens é diferente. Há-os que, como os tempos e os astros passam e morrem; mas outros há que, se desaparecem do mundo dos vivos, é apenas a sua presença material. Esses não passam nem morrem. O seu espírito fica junto de nós, alimentando a saudade e iluminando os caminhos do dever. No número destes, está sem dúvida o Padre António Inglez que ontem e hoje tal como amanhã, continua entre nós, fazendo-se ouvir, com a sua palavra fluente, e acreditar, com o seu exemplo edificante. Qual de nós não continua a ver e a ouvir o Reverendo Padre António no púlpito da nossa terra? As suas palavras de ontem são e serão de sempre. As suas acções, por serem justas, são como que o corpo desse espírito lúcido que continua connosco. E assim, o Padre António Inglez não morreu nem morrerá. A sua fama perpetua-o numa glória cada vez maior. No presente como no passado ele desempenha a sua missão na terra e, passe o paradoxo, ele é hoje mais útil do que ontem, pois que, além do que dele esperamos na terra, temos a garantia do que dele poderemos esperar junto de Deus. Sim, que nós cremos que ele nos vê a cada momento, nos ouve a cada instante e por nós intercede junto do Altíssimo em todas as circunstâncias da nossa vida.

Passam os tempos! Morrem os astros! Mas o Padre António Inglez não passa nem morre. O seu espírito agiganta-se cada vez mais, brilha com mais fulgor e em tudo se percebe. O seu espírito está nas almas que, como sacerdote, formou! Está nas obras que, como homem, concebeu e realizou. É assim, a nossa homenagem ao Padre António Inglez não é a homenagem que se presta a um morto: é a homenagem que se rende a um fervoroso sacerdote, a um incansável trabalhador, a um nobre patriota, a um ínelito cidadão e a um leal amigo que temos sempre a nosso lado!

A. SARAIVA

### O MEU DEPOIMENTO

Realidade?... ou Sonho?...  
Que mal terá feito Figueiró dos Vinhos, para a Morte lhe ir ceifando um a um, ainda na pujança da vida, os seus melhores valores, os filhos dedicados que com tanto desinteresse e amor o transformaram e engrandeceram? Dr. Martinho Simões... Dr. Simões Barreiros... e agora o sempre chorado e saudoso P.º Inglez...  
A justiça é sempre póstuma. Seria para lhe apressar o reconhecimento dos méritos que foi tão solícita em levá-los?

O P.º Inglez elevou-se muito alto. Foi em toda a acepção da palavra uma alma nobre e grande. Mas, na paixão com que serviu a Santa Igreja e os interesses do seu concelho, atingiu proporções de gigante. Sacerdote de raras qualidades, dedicou-se ao levantamento moral de Figueiró dos Vinhos com um entusiasmo e uma tenacidade que por vezes pareciam temeridade. Era a organização da catequese; era o cuidado em administrar os sacramentos aos doentes e nunca sair da freguesia sem deixar assegurada a sua vida religiosa; era a meticolosidade na escolha dos pregadores em harmonia com o meio; era o brilho que imprimia a todos os actos do culto, e ficará sempre célebre a melodia do seu cântico que tão apaixonadamente dirigia; era o aprumo e fino trato com que estava a todos; era a intransigência na

defesa da fé, perante os adversários que o temiam...

P.º Inglez tinha da Igreja e do clero um conceito muito elevado, que lhe não permitia rastejar nem ver rastejar os colegas numa sobrevivência vergonhosa, diante de ninguém que os quisesse aproveitar como degraus...

«Temos um curso e uma missão divina a cumprir — dizia ele. Somos um valor. Não temos que mendigar favores, mas que reclamar justiça. Não queremos viver nas Catacumbas, mas ao ar livre, ao claro sol do dia...»

Norteadado pela nobreza destes princípios, teve por vezes que travar luta feroz, em que empenhava todo o fulgor da sua inteligência e do brilho da sua pena.

Os últimos tempos, foram precisamente de luta, ao ver, com o coração retalhado de dor e os olhos rasos de lágrimas, como num momento se transformara o ambiente cristão de Figueiró dos Vinhos que tanto lhe custara, e os católicos começavam a ser caluniados e perseguidos. Não viu já o fim da luta... mas a palavra de Deus é sempre a última...

P.º Inglez foi grande na profunda modéstia e desinteresse com que sempre trabalhou, e na caridade inextinguível e generosa a fazer bem sem olhar a quem.

Podia ter subido muito. Podia ter ocupado altos lugares na Hierarquia. Não lhe faltavam virtudes, nem saber, nem as ocasiões lhe foram avulsas. Mas

(Continua na 4.ª página)

# F A L A A I M P R E N S A

## De «A Gazeta de Coimbra»

Realizou-se ontem, para o cemitério local, o funeral do reverendo arcepreste padre António João de Almeida Inglês, que foi extraordinariamente concorrido por pessoas de todas as classes sociais, que deste modo quiseram prestar comovida homenagem àquele que durante 38 anos foi um exemplar condutor das almas desta freguesia.

O reverendo P.<sup>o</sup> Inglês era uma figura bastante conhecida no meio católico.

A sua voz maravilhosa e a sua palavra eloquente ecoaram inúmeras vezes dos púlpitos dos templos das várias dioceses do nosso país, perante os mais selectos auditórios.

Sempre claro e oportuno e escutado profundamente por todos quantos o ouviam.

«Homem de antes quebrar que torcer» ele foi um verdadeiro exemplo do quanto pode a vontade, pois, filho de pais bastante humildes, pela sua vontade, persistência, nobilíssimas qualidades de trabalho e inteligência, se dignificou e illustrou como um dos grandes obreiros e sobretudo benfeitores da nossa terra.

Várias vezes lhe ouvimos dizer: «o homem quer-se para as dificuldades...» e desta forma auxiliado pela sua fé e arte de só fazer o bem e pelo bem, socorrendo e dando sobretudo trabalho aos necessitados, o P.<sup>o</sup> Inglês, jámais pode ser esquecido por quantos o conheceram e dele se acercavam.

No seu funeral, nem outra coisa era de esperar, lá iam tantos e tantos dos seus operários, dos seus amigos ou seus beneficiados, em sinal de derradeira homenagem de reconhecimento e sincera gratidão.

Junto da sua campa exaltou as qualidades de trabalho do extinto o Sr. Dr. Teixeira Forte, seu amigo íntimo.



## De «O Castanheirense»

Depois de todos os cuidados dispensados pela Ciência, do carinho e da dedicação dimanados da família e dos amigos, succumbiu em Figueiró dos Vinhos, à violência de doença que não perdoa, no dia 23 do mês corrente, o estimado padre Rev. António Inglês, de 62 anos de idade, natural de Colmeias, do concelho de Leiria.

Sacerdote bondoso, rodeado de simpatias e de prestígio, deixou funda saudade entre os seus numerosos paroquianos, impressionando o seu passamento muitos habitantes da nossa região.

O padre António Inglês frequentou o Seminário de Coimbra, onde fez um curso brilhante, distinguindo-se, desde cedo, como espírito muito inteligente, conquistando a admiração dos seus professores. Ordenou-se em Dezembro de 1910, com 22 anos, apenas, tendo sido indigitado a seguir para Roma, a fim de se formar, o que não aceitou. A vida de sacerdote, próximo da família que tanto amava, seduzia-o mais do que o afastamento que o guindaria. Logo no início da criação da Diocese de Leiria foi nomeado professor do Seminário, cargo que exerceu com muito brilho, durante alguns anos.

Em 1918 foi nomeado pároco de Figueiró dos Vinhos, iniciando, a seguir, uma obra de propagação de fé. O nível religioso da freguesia elevou-se extraordinariamente com a acção do novo pároco, que conseguiu transformar a indiferença de muitos.

O espírito cintilante do reverendo padre Inglês, as suas qualidades de bondade, o amor que dedicou aos seus e o afecto que os pobres e os desprotegidos lhe mereciam, conduziam-no frequentemente à prática de actos de altruísmo, que pelo seu número e valor constituem uma verdadeira obra social que, durante 32 anos, levou a efeito em Figueiró dos Vinhos.

Foi um orador sagrado de elevado mérito, destacando-se nos sermões proferidos em várias freguesias.

Em 1926, aquando do 28 de Maio, unido aos Drs. Martinho Simões, Simões Barreiros e outros, colaborou activamente na obra administrativa, que sob a égide da Revolução Nacional, se operou naquele concelho.

O saudoso extinto era, podemos dizer, um padre completo — sem esquecer a função religiosa, que zelosamente exercia — actuava no social com afinco, em prol da ideia cristã e nacionalista.

As suas excelsas qualidades relacionaram-no de tal modo que o seu prestígio era muito notado, não só no distrito de Leiria, como fora dele.

Desde Novembro de 1948 que dirigia, com competência, o nosso colega «A Regeneração», defendendo com ansia o progresso de Figueiró dos Vinhos.

Com uma vida de trabalho, intenso, amparada por carácter íntegro e segura inteligência, conseguiu amealhar razoável pecúlio, que legou a suas irmãs e sobrinhos.

O funeral, concorridíssimo, foi prova eloquente de quanto era considerado o rev. padre António Inglês. Fizeram-se representar todas as camadas sociais, destacando-se a dos humildes, que assim prestou a sua última homenagem ao Protector, arrebatado para sempre.

«O Castanheirense» endereça à família enlutada sentidas condolências, extensivas ao quinquenário «A Regeneração».



## De «Concelho de Poiars»

Estou de luto, sim, tenho a menos um amigo dedicado!

Ainda há poucas semanas o fui visitar ao hospital de Coimbra, ainda há pouco me dizia que se sentia melhor e que em meados de Maio

viria aqui passar uns dias e hoje recebo a triste notícia da sua morte!

Pobre amigo que assim deixaste esta vida a que tanto apego tinhas!

Eras um bom. Pai dos pobres, protector dos infelizes, amparo dos desprotegidos.

Conheci-te pela primeira vez há 48 anos. Durante um ano convivemos no mesmo edifício; eu menino imberbe e tu já homem, agarrado aos compêndios da filosofia e da retórica.

Parece que te estou ouvindo ler, com a tua voz macia e clara, pedaços de leitura meditativa; ainda tenho no meu cérebro o timbre da tua voz.

A morte levou-te cedo demais; Figueiró, a sede do meu concelho, a terra que há 40 anos te destinaram para exerceres o teu apostolado, chora por ti, eu bem o sei!

Quando o ano passado tocaste a rebate para se prestar homenagem a esse inolvidável amigo Dr. Simões Barreiros, a quem o meu concelho tanto deve e jámais poderá esquecer, eu lá fui e com que satisfação me abraçaste, com que alegria me recebeste em tua casa, aquele chalêzinho encantador, envolvido em verdura, mesmo em frente do *casulo* onde Malhoa, viveu, pintou os seus quadros e onde tu, querido amigo, o foste em nome de Deus abençoar à hora da sua morte!

Não é fácil manifestar aqui a pungente impressão que a tua morte me causou; mas no meu coração noto dois sentimentos diversos travados em luta:

— A saudade, filha do coração amigo que sente a falta de um homem de valor e o júbilo de alma que pretende a primasia, alegando que mais vale que estejam no céu, junto de Deus, do que na terra de incertezas e ingratiões.

Descansa em paz, bom amigo!



O Arcipreste de Figueiró dos Vinhos, P.<sup>o</sup> António João de Almeida Inglês, que ainda há poucos anos veio pregar a uma festa à igreja de S. Miguel, era natural do concelho de Leiria, tendo frequentado os seminários daquela cidade e Coimbra de que foi aluno distinto.

Era professor de ensino secundário, director do jornal «A Regeneração» e assinante deste jornal, unicamente, dizia para ler a nossa página.

Faleceu com 72 anos e o seu funeral foi uma das maiores manifestações de pesar a que Figueiró tem assistido.

M. LEAL JÚNIOR



## De «O Mensageiro»

Fomos no dia 24 p. p. acompanhar à sua última morada, no cemitério de Figueiró dos Vinhos, o cadáver do digno pároco e arcepreste daquela tão linda vila, rev. António de Almeida Inglês. Em coval bem junto do dum amigo cujo cadáver — ele e nós — acompanhámos há dois anos ficou o cadáver do rev. padre Inglês naquele cemitério.

Dia a dia se aguardava a morte do digno sacerdote. A nosso pedido e imposição dos seus numerosos amigos, o rev. padre Inglês acedera a dar entrada no Hospital de Coimbra, onde foi confirmada a doença que o vitimaria — um cancro no fígado — doença que não poupa e faz sofrer horrivelmente os que dela vêm a ser vítimas. Entregue aos cuidados do eminente professor sr. Dr. Bissau Barreto, seu grande amigo, a ciência foi impotente para debelar a doença apenas lhe prolongando algumas semanas a vida e mitigando quando as dores eram mais atrozes o seu sofrimento. Em coval lá deixámos no cemitério de Figueiró dos Vinhos mais um amigo ao lado doutros amigos e conhecidos como foram o arcepreste Diogo de Vasconcelos, o dr. Manuel de Vasconcelos, o dr. Simões Barreiros, major Neutzel de Abreu, António de Vasconcelos, Augusto de Lacerda, dr. Lacerda e outros a quem nos ligaram laços de amizade, de parentesco, de admiração.

O agora falecido foi alguém em Figueiró dos Vinhos, embora não fosse natural daquela vila, pois era natural das Colmeias, concelho de Leiria. Queria tanto a Figueiró dos Vinhos como à sua terra natal ou à sua amada Leiria, para ele a mais querida, a mais linda cidade do mundo.

Quantas vezes lhe não ouvimos nos seus empolgantes discursos referências ao Castelo, às margens do Lis, aos vultos ilustres desta encantadora cidade!

Tendo cursado preparatórios em Leiria e Teologia em Coimbra, celebrou a sua primeira missa na freguesia de Colmeias em 1912.

Depois de exercer o cargo de coadjutor na sua freguesia natal até 1916, foi neste ano, nomeado pároco de Figueiró dos Vinhos e depois arcepreste, cargos que exerceu até à hora da sua morte, mas que sabemos estar em vésperas de abandonar por se sentir sem forças, que a doença lhe roubara.

O rev. Inglês foi um orador sagrado distinto, tendo pregado em quase todas as dioceses de Portugal, sendo sempre ouvido com agrado.

Inteligente, activo, bondoso, gozava das simpatias e verdadeira amizade dos seus paroquianos. Podemos afirmar não considerar inimigos os que não militavam no seu modo de ver político. Podemos mesmo afirmar que o rev. Inglês, cuja ambição suprema era ver progredir Figueiró dos Vinhos, não conservava ressentimento algum contra aqueles que tanto mal tentaram fazer-lhe.

Foi por isso que estranhámos não ver no funeral, que bem demonstrou quanto era estimado, algumas pessoas que ali esperávamos ver incorporadas.

A Câmara teve a Bandeira a meia haste e o honesto e digno comércio local encerrou as suas portas em sinal de sentimento. O pesar era geral. Cerca de 2.000 pessoas se deviam ter incorporado no funeral e nos olhos de muitas vimos lágrimas e ouvimos os soluços e gritos de dor saídos do coração de senhoras, de homens, de crianças.

Vimos mães indicar aos filhos o caixão e dizer-lhes ali vai o vosso protector, aquele que nos deu tantas vezes o pão. Vimos muitas pessoas e muitas centenas o teriam feito, se lhes fosse permitido, beijar a fria e gelada mão de quem tanto bem fizera.

Homens das aldeias, empregados públicos ou particulares a quem o rev. Inglês protegera vieram de várias partes dizer o último adeus ao seu protector. Mais de 300 crianças das escolas da freguesia se incorporaram com flores no funeral, flores que atapetaram o coval a que baixou o cadáver de quem tanto se interessava pela instrução e educação dos filhos dos seus amados paroquianos.

Vinte e um sacerdotes, do concelho, limitrofes e de longe acorreram a juntar as suas orações pedindo a Deus desse o seu lugar na mansão dos justos ao seu humilde servidor, ao colega bom e amigo de todos os sacerdotes.

Pareceu-nos nesta precoce época do florir das rosas, jasmims, lilazes, amor-perfeitos, malmequeres, olaias, catalpas, glicínias e outras árvores, arbustos e plantas que engrinaldam Figueiró dos Vinhos, cingem suas varandas, atapetam os canchais, trepam pelas árvores, cobrem os muros, pareceu-nos a linda vila triste, coberta de luto.

Morrera alguém! Esse alguém fora o pároco e arcepreste, o grande amigo do seu povo, da sua vila, do seu concelho! Morrera o P.<sup>o</sup> Inglês!



## De «A Comarca da Serfã»

O nosso simpático colega «Regeneração», de Figueiró dos Vinhos, sofreu uma grande perda com a morte do seu director, Rev. P.<sup>o</sup> António Inglês, pessoa inteligente e de extraordinária actividade, que marcou lugar de destaque na Imprensa Regional pela sua vasta cultura e profundo carinho que dedicava àquele concelho.

Ao editor do estimado confrade, dr. Alberto Teixeira Frade, bem como a todos que nele exercem a sua actividade, apresentamos sentidas condolências.

# EM HOMENAGEM

*Figueiró dos Vinhos está de luto com o falecimento do seu querido Arcipreste. Foi no dia 23 de Abril último.*

*Rev.<sup>o</sup> Padre António Inglês havia meses que se encontrava gravemente doente e de dia para dia as suas forças iam decrescendo.*

*A doença, por sua infelicidade, dos seus e de seus amigos, era incurável e nem ele próprio se apercebera da sua gravidade.*

*O seu internamento por alguns dias, nos Hospitais da Universidade sob as vistas do eminente Prof. Bissau Barreto, dera-lhe ainda algum vigor, assim nos informara com grande regosijo.*

*Centenas de paroquianos o visitaram e para todos tinha um sorriso, um agradecimento cordeal.*

*Padre Inglês não podia, não queria morrer ainda. O seu cérebro invulgar idealizava planos sobre planos, onde sobressaía sempre o amor aos seus e à terra adotiva onde vivia há cerca de 33 anos.*

*Tombou para sempre naquele malogrado dia, no meio dos seus e de seus amigos que ali estavam presentes, como que para lhe dizer que descansasse em paz pois a sua obra e dos seus antecessores teria neles os mais estrénuos continuadores e que um dia seria feita a justiça a que tinha jus.*



*Não é tarefa fácil descrever, ainda que a traços leves, o que foi a vida e a actividade do Rev.<sup>o</sup> Arcipreste de Figueiró dos Vinhos, durante as três décadas em que pastoreou, com um carinho inextinguível, a freguesia — sede do nosso concelho.*

*Encarando a sua vida como mentor das almas que lhe foram confiadas, não lhe podemos deixar de prestar as mais sinceras e vividas homenagens. A sua obra no campo espiritual foi importantíssima.*

*Grande coração cheio de carinho e de luz para os cegos da doutrina que professou e acérrimamente defendeu, ele conseguiu chamar e levar a bom caminho, muitas das ovelhas que da causa de Deus andavam afastadas.*

*Os seus conselhos, os seus sermões, moldados duma simplicidade atraente, quantas vezes não faziam chorar de arrependimento, o auditório enorme que sempre o escutava?*

*A sua voz sonora, cheia de Fé e de amor pelo seu semelhante, como enchia de lés a lés as naves da nossa Igreja Matriz!*

*As verdades da doutrina que professou foram por ele profundadas e explicadas a todos os fieis, dia após dia, sem desfalecimentos e com uma tenacidade pouco vulgar através os seus admiráveis sermões.*

*Conhecer Padre António Inglês era admirá-lo; conversar com ele era ficar deleitado com a sua maneira de expressar. Havia sempre uma elevação de pensamento na sua maneira de falar e que lhe era natural.*

*Aqueles que tiveram o ensejo de o ouvir, quer do alto do púlpito da nossa igreja, quer nas festas das nossas lindas capelas das redondezas, quer ainda durante as frequentes visitas aos principais centros do País, bem lhes parece, como a nós, não mais se poder esquecer aquele gesto eloquente, a sua voz timbrada, repassada de amor e tristeza, com que em nome do Senhor abençoava os infelizes, acarinhava os desgraçados e prometia a felicidade eterna, como justo galardão àqueles que sofrem.*

*Cérebro invulgar que, como máquina de rigorosa precisão sempre funcionou com irrepreensível cadência até o momento derradeiro em que o coração calou para sempre a imensidade de benesses que havia distribuído e que num momento apagou a inteligência fulgurante que nos foi dado conhecer de perto.*

*Possuidor de grandes dotes oratórios, naturalmente os seus serviços eram reclamados em terras, as mais distantes, onde sempre o brilho da sua erudição deixava estupefactos os seus ouvintes.*

*Os conceitos que defendia e explanava sempre com inigualável proficiência mereciam sempre daqueles que o escutavam, as melhores referências e era justamente tido como grande orador entre os seus colegas que o distinguiam.*

*Pouco tempo antes do triste desenlace, ufanava-se e com legítimo orgulho, de ainda reproduzir fielmente passagens inteiras de seus melhores sermões, rendilhados de saber e filosofia que em tempos idos haviam causado a admiração dos seus superiores e do auditório imenso que o escutava.*

*Na verdade, era espantosa a sua facultade de reter. As passagens mais interessantes de livros de autores consagrados, que muitas vezes surpreendemos a ler e a meditar, ficavam-lhe na memória com uma facilidade invulgar.*

*Adorava o Teatro. Tinha uma predilecção especial pelos actores portugueses, entre os quais Alves da Cunha que muito admirava.*

*Tais predicados, como é natural, elevaram muito justamente, Padre António Inglês no conceito dos seus superiores, entre os quais contava verdadeiras amizades. Esses mesmos predicados impuseram-no ainda à consideração dos seus paroquianos que nele perderam um amigo.*



*Analizando propriamente a sua actividade como homem, podemos, em boa verdade afirmar, que Figueiró dos Vi-*

(Continua na 4.<sup>a</sup> página)

# NA PAZ DO ALÉM!...

PADRE ANTÓNIO INGLÊS deixou o mundo na tarde de 23 de Abril pretérito, e pertence agora ao domínio da Eternidade.

Tivemos conhecimento da sua morte através da rádio. Esta triste notícia que em ondas sonoras rapidamente se propagou no espaço, causou-nos profunda consternação e também nos colheu de surpresa, pois nada fazia prever tão inesperado acontecimento; porém, adquirimos depois a certeza nos diários da Capital onde tirámos esta verdade esmagadora: morreu PADRE ANTÓNIO INGLÊS.

Não havia dúvida! — Acabava de desaparecer o homem que durante mais de trinta anos muito quisera a Figueiró dos Vinhos, por cujo progresso tanto e tanto lutara.

PADRE ANTÓNIO INGLÊS era o tipo do homem que possui sabedoria para pensar com independência espiritual. A sua vida foi de trabalho, de misericórdia e de bondade; e a sua voz — própria de um génio moral — era sumamente evangélica.

Exímio orador sagrado, levava de púlpito em púlpito os seus sermões à multidão de fieis e dos sem fé, pois até mesmo estes últimos eram atraídos pela singela eloquência do seu verbo. E foi assim (evangelizando), que percorreu Portugal de lé a lé, e que conseguiu o respeito e a admiração duns e doutros, isto é: de todos.

Não era um padre em quem se via apenas um homem vestido de preto, mas sim a imagem viva dum sacerdote eminentíssimo no glorioso rumo da vida sacerdotal. Ordenara-se ainda muito novo — lemos algures. Os seus superiores logo viram nele um talento e uma voz d'ouro capaz de converter e de chamar multidões; indicaram-lhe, então, possivelmente a forma-

tura em Teologia, e não quis aceitar a ideia, certamente por já nessa altura se sentir possuído da luz espiritual necessária para elevar o esplendor da Igreja de que foi um grande apóstolo.

Por suas largas pregações brevemente se tornou conhecido e estimado em todo o País, e assim melhor pôde ser generoso e bom, valendo aos desafortunados e humildes: contava amizades em todos os corações; a estes recomendava os menos tocados de felicidade que dele se abeiravam, e dessa forma fazia com que voltasse a reinar no lar de muitos — que estavam sem Pão! — a paz, a alegria, o amor!

Alma limpa e transparente, defendia o primado do espírito e escreveu certa ocasião: «...nunca em consciência fiz mal a alguém...». Efectivamente, a todos dava a conhecer o infinito da sua fé e a bondade do seu coração, cultivando num mesmo abraço afectivo: o bem, a piedade e o perdão.

É que o PADRE ANTÓNIO INGLÊS participava em alto grau de três qualidades da essência divina: sabedoria, amor e poder.

A sabedoria soube pô-la ao serviço do bem, da verdade, da justiça, e nas suas prédicas e sermões; o amor tinha-o pela família, pelos desprotegidos, pelos pobres; e o poder, essa luz consoladora ou calor que dá vida e anima, tinha-o também no seu muito saber e na eloquência ardente e expressiva da sua voz.

Também nunca a sua pena caiu nos deslizes da maledicência. Dela saíram sempre esclarecimentos e conselhos edificantes, e, quando necessário, «lambadas» felizes em defesa da verdade.

PADRE ANTÓNIO INGLÊS desapareceu — é certo? — tendo cumprido integralmente a sua missão terrenal. Mas, como os heróis, continua a viver depois da morte: no seio da Sociedade onde a sua luz brilhou; no peito dos homens a quem amparou e protegeu; no coração dos humildes, dos pobresinhos a quem valeu.

E todo o bem que fez há-de perdurar na Terra! donde um hino de louvor e agradecimento vai subindo às alturas, para que PADRE ANTÓNIO INGLÊS tenha o prémio e glória — no Céu!...

Lisboa, Maio de 1950.

JOSÉ DOS SANTOS M. DE CARVALHO

## P.º António Inglês

Na minha linguagem rude, mas sincera venho expressar o meu sentir, pela morte deste venerando Padre, que durante mais de 30 anos pastoreou a nossa igreja.

Dotado duma lúcida inteligência, duma religiosidade convicta e duma bondade de alma admirável.

Passou a vida a espalhar o Bem e a Caridade Cristã. Quantos casais que viviam em escandalosa mancebia, este bondoso Padre, levou a legalisarem e a santificar sua união?! Orador sagrado de grandes méritos, indo pregar a muitas partes do país.

E pediu para ser amortalhado de P.º Pregador. Lá ia para o Além naquele imponente traje de — Pregador. No cemitério ficou ao lado do Dr. Simões Barreiros, seu dilecto amigo! Antigo Presidente da Câmara, outra alma irmã em valor e bondade — a quem Figueiró tanto deve.

Foi imponente o enterro e a manifestação de pesar pela morte do Senhor Arcipreste António Inglês. Todas as classes o acompanharam à última morada.

Uma das notas mais tocantes foi a — das crianças das escolas, acompanhadas de seus mestres; todas vestidinhas de branco, transportando flores, com que juncaram a sepultura do bondoso sacerdote. Aquelas flores! — Desta primavera tão linda, deste Abril de Céu tão azul e cristalino, como a alma simples e pura das crianças — como a vida austera e a missão sublime dos presbíteros!

Nestas noites estreladas de Primavera, no silêncio daquela mansão dos mortos — quem sabe se aquelas duas almas amigas segredam, trocam as suas impressões como cá faziam em vida?!

Se assim for — rogai por Figueiró e seu povo a quem fizestes tanta falta.

No cortejo fúnebre iam os seus dois amigos: O Ex.º Senhor Dr. Alberto Forte, distintíssimo advogado, que proferiu um brilhante e arrebatador discurso.

E o Senhor Professor Caldeira, digníssimo Director Escolar e Comandante do piquete da Legião Portuguesa do concelho.

Tout passe, tout casse, tout lasse. Assim se apaga uma luz!

Camões, numa estância do canto X, da sua Epopeia diz:

«Inimiga não há tão dura e fera. Como a virtude falsa de sincera. Só quem fosse muito perverso poderia querer mal àquele honroso Padre.

As pessoas de Bem — todas prantearam a sua morte.

Paz à sua alma.

BEATRIZ JOSÉ DE L. E ALMEIDA

# Carta aberta ao Padre António Inglês

Querido e saudoso amigo:

A notícia da tua ausência eterna de Figueiró chocou-me, como é natural. Mas não me surpreendeu. Antes uns dias da tua partida, tinha eu estado a falar contigo junto do teu leito de agonia, na tua tebaida de Figueiró. Vi a morte que te espreitava junto de ti, cuja presença ignoravas. Procurei afastá-la com as minhas preces, evocadas baixinho para que as não ouvisse. Era tarde, para serem atendidas. Recordo, com amarga saudade, a alegria alvorçada com que acolheste a minha visita. Ela fez-te esquecer as dores que torturavam, nessa ocasião, o teu martirizado corpo — ferido pelo gume implacável da morte que se avizinhava. Na meia hora junto de ti — a palavra foi só tua. O teu entusiasmo era tão grande que não davas tempo à respiração, com o relato, que me ias fazendo, dos novos projectos e empreendimentos para o teu Figueiró, logo que arribasses da tua enfermidade e a oportunidade chegasse para os concretizar, iludido, como estavas, com a vida, e com a morte que te havia de levar à sepultura daí a dias! Como ela nos sabe iludir! Pobre amigo! O teu brilhante espírito tinha a lucidez de sempre. As palavras escorriam dos teus lábios como da fonte sai a água cristalina, de manancial inesgotável. Vi que estavas agarrado à vida como nunca. Creio que a vida nunca tanto te interessou. As tuas novas esperanças, os teus novos projectos, num Figueiró sempre maior, mais progressivo e lindo, deram-me essa nítida impressão. Como a vida é um sonho fagueiro e a morte nos ilude!... Estimei essa ilusão. Mas quando abandonei o leito da tua agonia, senti um pezar imenso no meu coração, por saber que estavas irremediavelmente perdido para a vida deste Mundo, quando mais ambicionavas viver! Este facto causou-me imensa pena e amargou a minha alma de amigo. Mas tu não morreste — Padre António de Almeida Inglês! Que equivoco! Homens como tu — da tua raríssima e fina tempera, não morrem nunca! — por mais que o afirmem a certidão de óbito, o luto, as lágrimas choradas e o funeral em pranto sentido por centenas de pessoas acompanhando os seus restos mortais ao cemitério da Vila! Não! — O Padre António Inglês, não morreu! Ausentou-se apenas do seu Figueiró, onde deixou o seu envólucro físico a repousar no seu cemitério, a fazer companhia — lado a lado — a outro Homem que também não morreu, de quem o Padre António Inglês foi o seu condestável no engrandecimento progressivo daquela Vila, e que dava pelo nome de Dr. Manuel Simões Barreiros! Se a vida os ligou, a morte também, mas ambos vivem ainda na nova e expressiva fisionomia de Figueiró dos Vinhos, que é o encanto de quem nessa Vila habita e o prazer de quem a visita. Por isso, eses dois grandes vultos do nacionalismo português não morreram e jámais morrerão enquanto existir um habitante grato nessa linda e ridente Vila e os melhoramentos que deixaram não tiverem desaparecido pela acção da pátria do tempo. Só morrem os que nada fazem, pelo progresso material e moral das terras onde habitam. Sim, estes morrem e para todo o sempre. Mas, o Dr. Manuel Simões Barreiros — o pioneiro da grandeza de Figueiró e o seu dilecto braço direito na consecução desses melhoramentos, Rev.º António de Almeida Inglês, cuja Vila tanto amaram, — esses — não morreram ainda. Estão vivos, no pensamento de todos.

A «Regeneração» assim o proclamou há tempo, prestando uma sentida homenagem póstuma ao Dr. Simões Barreiros; hoje presta igual homenagem ao Rev.º Padre António Inglês. Ambos, pois, voltaram novamente a ressurgir para a vida, como preito de saudade e gratidão.

O Padre António Inglês, está vivo. O seu bilhante espírito vive no seu Figueiró, na sua Igreja matriz, na qual, durante 30 anos exerceu, com virtuosíssimo zelo, as suas altas e nobres funções de sacerdote, prestigiando e honrando o clero português, como um dos mais ilustres ornamentos que era do mesmo. Como arcipreste, de preclaríssima dignidade, no concelho de Figueiró, vive com saudade no coração de todos os seus colegas, que o estimavam e respeitavam como seu chefe local. Vive no coração de todos aqueles que foram seus paroquianos e que lhe ficaram devendo a sua formação moral e espiritual, e que choram ainda a sua falta. Vive nos púlpitos de tantas catedrais e igrejas que escutaram com respeitosa admiração as suas orações sublimes, impregnadas de incantamento à fé, ao amor do próximo, à esperança, sob a inspiração de Deus — cujas orações de altas concepções espirituais o consagraram como um dos maiores oradores sagrados da Igreja portuguesa. Vive, em todos os lares de Figueiró, onde enchugou tanta lágrima e matou tanta fome, bem como nos seus caminhos, nas suas estradas, nas suas serras, montes, quebradas e vales, que percorria no exercício da sua santa missão de sacerdote, e finalmente vive também nas sombras das suas árvores, nas flores do seu jardim e no murmúrio dolente e nostálgico das águas do rio de Alge, e dos seus afluentes, que, do alto da serra, tanta vez a sua alma de poeta, contemplaram com verdadeiro êxtase espiritual.

Ora quem assim teve uma vida — que a eloquência dos factos provados atestam, sob muitos aspectos e motivos inapagáveis que falam e palpitam no coração de todos quantos conheceram o Padre António de Almeida Inglês — pode ter morrido?! Não morreu! É um equivoco! Homens, assim, ausentam-se para um Mundo melhor, mas não morrem. Estão sempre presentes.

Querido Amigo: Tu não morreste. Vives em franca camaradagem, espiritualmente, com os teus amigos e admiradores, que hoje prestam home-

nagem de saudade às tuas virtudes. Vou terminar, que esta já vai longa e mal escrita, mas com palavras sinceras. Quando entenderes que devo partir desta montureira onde vivo, para te fazer companhia, diz-me. Olha que eu não adivinho! A morte nunca me assustou. Se não existisse, haveria talvez necessidade de a inventar, embora os seus golpes muitas vezes tenham ferido o meu coração de dor pungente, como no teu caso por exemplo. Mas este Mundo é tão perverso, pela imperfeição humana, que foi a vergonha do Criador, sentindo muitas vezes vontade de voar para o reino eterno, onde a tua nobilíssima alma se encontra já, sob a guarda e protecção de Deus. Pobre amigo! Sobre a tua campa quero desfolhar as pétalas de uma amizade ininterrupta de 40 anos, com a mais sentida saudade.

Crê naquele que sabe honrar a tua memória,

RAÚL TOMÉ FÊTEIRA

## PERDI UM AMIGO...

Os jornais trouxeram-me a inesperada notícia de haver falecido, em 23 do mês findo, o meu Amigo Sr. Padre António Inglês.

Chamo-lhe meu Amigo não para me vangloriar de um título que tive a honra de lhe merecer, mas porque, efectivamente, era.

Algum tempo antes da sua morte, surpreendido pelo facto de A REGENERAÇÃO nada dizer da sua saúde, escrevi a seu sobrinho Adelino uma carta pedindo informações; passaram os dias e não veio resposta e, então, os meus receios avolumaram-se sem que, no entanto, julgasse próximo o seu desenlace.

.....tinha falecido.

Um grupo de Amigos, querendo pagar à sua memória o tributo da sua admiração e respeito, editou-lhe este número de A REGENERAÇÃO jornal que Esse Homem, generoso e dócil, dirigiu com raro brilho.

Conheci-o há vinte anos e fui seu aluno no ensino liceal. O que Ele foi, sabem-no todas as pessoas de Bem e faltam-me termos precisos para exteriorizar o meu sentir.

Homem de extraordinária e ardente actividade, interessou-se pelo engrandecimento do concelho, emprestando a sua indirecta colaboração, honesta e desinteressada; soube consolar e resistir; soube sacrificar-se pelos seus ideais, com a pena e a palavra. A muitos protegeu e fez homens dignos.

Trabalhava sempre e o trabalho mantinha-lhe uma fresca e perfumada alegria de mocidade, transmitida de cada dia que passava ao dia que se seguia.

Figura insinuante, de um trato afabilíssimo, e, talvez por isso, com grande poder de sugestão, prendia os auditórios com a sua palavra fluente, ainda mesmo quando se limitava a divagar sem preocupação oratória.

A Morte surpreendeu-o em plena força de vida na sua casa — albergue de todos quantos apelavam para a sua Bondade na vila de Figueiró dos Vinhos, que Ele tanto amava, na Primavera, em que a Natureza revive...

Não lhe foi concedida, na Terra, a consolação compensadora de muita amargura e sacrifícios.

Morreu aquele que, durante mais de um quarto de século pugnou pela Verdade e pela Justiça e que, assistindo à extinção de uma geração e florescimento de outra, foi exemplo das mais fecundas virtudes.

Eu, que convivi com Ele, não quero deixar de levar à sua sepultura a expressão do meu pesar. Fui um pouco, conviva das suas festas e das suas alegrias, confiante das suas penas e dos seus entusiasmos e guardarei, para sempre, a parte da Saudade que, por sua morte, me tocou.

Curvemo-nos respeitosamente sobre a campa onde Ele repousa...

Lisboa, 19 de Maio de 1950.

MANUEL DE CARVALHO

## FICOU A IDEIA

(Continuado da 1.ª página)

balho, conchecidas e muito admiradas pelo Prelado de Coimbra, à data, levaram Este a convidá-lo para, à custa da Diocese, seguir para Roma, e ali se formar em Direito Canónico.

Padre António Inglês dedicava a sua Mãe e Irmãs enternecido amor e por isso o seu afastamento par a capital do Mundo Católico feria-lhe o sentimentalismo de filho e irmão muito dedicado.

Por isso não aceitou o honroso e merecido convite, e em vez do futuro professor do Seminário, optou pelo sacerdotício junto daquelas.

Pouco depois da criação da Diocese de Leiria, é escolhido e nomeado professor do seu Seminário, cargo que exerceu com muito brilho, durante alguns anos.

Tempo depois, o seu Prelado quer nomeá-lo pároco de uma freguesia, e mais uma vez põe à prova a Sua elevada consideração e estima, que tinha pelo jovem sacerdote. Indica-lhe sete paróquias, para que ele, de entre elas, escolha a que preferir. Mas o Reverendo Padre António não quis escolher; humilde, põe nas mãos de Sua Ex.ª Reverendíssima a indicação, que veio a cair na de Figueiró dos Vinhos, para a frente da qual vem em 1917.

Aqui encetou logo uma obra grandiosa de catequese, dinamizando as almas, em vista a uma profunda propagação da fé.

Cria a Irmandade do Sagrado Coração de Jesus; no altar e púlpito a sua palavra atraente e bem compreendida, ministra ensinamentos religiosos, organiza festas, que são verdadeiras cruzadas de fé cristã, e que ainda hoje são recordadas com muita saudade pelos seus paroquianos; eleva, em suma, a um muito alto nível a educação religiosa da freguesia.

Mas, o Reverendo Padre António Inglês não é só sacerdote na igreja. O seu temperamento, as suas qualidades de trabalho, o seu amor aos desprotegidos e aos seus, lançam-no frequentemente na prática de actos de Bem Fazer, em benefício de todos os que lhe batem à porta. Ele completa, como benfeitor que foi, a sua missão de representante de Deus sobre a Terra.

Quantos lhe devem o pão de cada dia, quantos lhe devem as boas posições que hoje usufruem na sociedade! É a troca de quê? Da satisfação apenas com que a sua alma se sentia ufana a praticar uma benemerência.

Alma boa, alma santa! De lamentar é que nos deixasse tão cedo.

Mas... a sua ideia fica e vive em nós com o mesmo entusiasmo e a mesma fé.

TEIXEIRA FORTE

# IN MEMORIAM O MEU DEPOIMENTO

(Continuado da 8.ª página)

## Preito de homenagem, gratidão e amizade

Com a alma repassada da mais profunda tristeza e saudade, desejo testemunhar aqui o meu eterno e indelével reconhecimento a essa grande figura de Padre, Homem e Orador que foi o nosso querido e jamais esquecido Arcipreste Padre António Inglês. A morte, na sua missão cruel de luto e lágrimas, arrebatou-nos cedo esse grande amigo por quem tinha a maior estima e consideração. Dotado de uma alma pura, de um coração bondosíssimo, de um carácter íntegro e de uma inteligência fulgurante, o Senhor Arcipreste recebia sempre na sua casa os seus Padres com todas as amabilidades e deles falava com estima e admiração na ausência. Fui seu coadjutor durante algum tempo e sempre me recebeu e tratou como se fosse uma pessoa de família.

Confiou-me algumas confidências e legou-me algumas frases palpitantes, cheias de interesse e actualidade que jamais poderei esquecer. Em Agosto de 1926, na sua casa do Bairro Novo, fiz com Sua Rev.ª o requerimento de admissão ao Seminário, e ele recomendou-me ao Senhor D. João da Silva Campos Neves, seu condiscípulo e actual Bispo de Lamego, e, depois, durante o meu curso e vida paroquial, sempre me acompanhou com todo o interesse e solicitude. Confesso: O Senhor Padre António Inglês foi incontestavelmente o sacerdote mais amigo e mais dedicado que encontrei na vida paroquial. Por isso surpreendeu-me vivamente a dolorosa notícia da sua morte que cobriu de luto a ridente Vila de Figueiró dos Vinhos que admirava e estimava o Senhor Padre António, como era mais conhecido; e, nessa tarde triste de 24 de Abril, quando acompanhei ao cemitério o venerando corpo do nosso querido Arcipreste que tanto bem fez aos pobre-

zinhos, aos desempregados, às almas, aos amigos, aos desprotegidos da sorte e aos seus, as lágrimas irrompiam espontâneas e abundantes dos meus olhos.

Pregador de raros dotes oratórios, o Senhor Arcipreste fez sermões nalgumas cidades e em muitas vilas e aldeias do país. Por vezes empolgava os auditórios com a sua eloquência insinuante e arrebatadora. Um dia, no Luzo, um ilustre magistrado do Supremo Tribunal abeirou-se do Senhor Padre António, deu-lhe os parabéns e disse-lhe: «Senhor Padre, tenho ouvido grandes orações nos Tribunais, no Parlamento, em igrejas, em comícios e outras assembleias, mas nenhum me satisfaz tanto como o Senhor no sermão que acaba de pregar». As festas em que pregava o Senhor Arcipreste, eram sempre mais concorridas, tinham maior brilho.

Os artigos da «Regeneração», escritos por Sua Rev.ª, eram sempre lidos com todo o interesse e curiosidade.

Um dia, uma comissão de uma freguesia apresentou-se ao Senhor Bispo Conde a pedir-lhe um padre como o Senhor Padre Inglês. O Senhor Bispo respondeu-lhe: «Ah! se eu tivesse muitos padres como o Senhor Padre Inglês, a minha cruz tornar-se-ia muito menos pesada».

Que estas humildes e singelas palavras, acompanhadas de muitas preces pelo eterno descanso da sua bela alma, sejam o meu modesto testemunho de gratidão, amizade e homenagem à memória desse sacerdote exemplar que baixou ao desconforto alívio da última jazida, pranteado de muitos e queridos amigos que jamais o esquecerão.

Campelo, 20-5-1950.

PADRE MANUEL LUÍS

não quis. Se alguma vez na vida foi desobediente, foi em resistir às sugestões dos superiores, preferindo abster-se. Mas na sua modéstia quanto bem não espalhou?... Quantas lágrimas não encheu?... Quantas situações não resolveu?... Era um Pai... um Conselheiro... um Protector... Os tristes... os desamparados... os famintos... os pobres... que o digam. E não era rico. Viveu sempre do seu trabalho honrado, quantas vezes vencendo amargas dificuldades para fazer face a pesados encargos de família.

P.º Inglês foi extraordinariamente grande nas horas amargas da incompreensão e injustiça, em que o bem lhe foi retribuído com o mal.

Nos últimos meses da sua vida, houve a audácia de alguém, numa falta de apurmo moral que desnorteia, friamente, calculadamente, sem um remorso

## Sim... todos choram

Inevitavelmente diz-se, todos choram; mas uma pergunta apenas: — chorar porquê? — pois que o chorar é o desígnio profundo e sincero da dor, da paixão, da saudade. Sim todos choram.

Choram aqueles que conheceram, que viveram que souberam apreciar o rasgo dinâmico, a sublime inteligência da pessoa que foi o nosso querido e saudoso P.º António Inglês.

Digo eu aqueles que o conheceram!... e quantos daqueles que o não conheceram;... Mas que aonde a sua protecção, a sua caridade invadiu; — Sim estes também choram.

Eu de idade um pouco nóvel digo: Desde que os meus passos já um pouco alentados na infância me começaram por trazer a esta terra de Figueiró dos Vinhos, eu principiei por ouvir falar e por conhecer este tão nobre e eloquente Padre.

Decorreram anos; o seu prestígio, a sua inteligência enaltecida tinha encetado uma vida perfeita e valorosa, tanto para si como para todos aqueles que o rodeavam.

Mas a meio da obra é surpreendido; um amigo que nada desculpa, que nada perdoa bate-lhe à porta (a morte).

Sem atento à nossa aspiração, Deus quis chamá-lo tão cedo. Na hora derradeira em que o desprendia do mundo, e que se eleva a um talvez mais natural, em que via deixar os seus amigos e todos quantos lhe eram queridos, em si rastejava um olhar de compaixão. Junto a si soluçavam esses corações retalhados pela dor e saudade, acenando-lhe a último adeus. Sim... todos choram.

Foi aí que eu pude mais de perto contemplar a sua grande vida.

Oxalá que no futuro surjam no meio de tantos, homens como este.

A. FERREIRA

batesse à porta que lhe não arranjasse emprego.

Para quantos não arranhou ele colocação, por si ou por intermédio das suas vastas relações? Quantos lhe não devem a posição que usufruem?

E já agora diga-se de passagem: Quantos lhe não devem a sua posição social, tendo-lhe oferecido em troca os mais profundos dissabores?

A ingratidão custa a suportar, dizia ele, mas Cristo também perdoou.

Tivemos a honra de conviver de perto com Padre António Inglês e ensejo para conhecer alguns desses factos; aliás de reduzido número, mas todos eles dignos das pessoas que os praticaram. Nem mesmo assim deixava de prosseguir na sua cruzada de bem fazer.

Era amigo do seu amigo a quem não seria agradável se de todo impossível

Tive várias provas da sua honrosa amizade que não poderei jamais esquecer e, por ordem natural das coisas, assistia-me o dever de lhe prestar as minhas homenagens às suas invulgaridades faculdades de trabalho, de inteligência e de bondade.

Aqui estou como figueirense, como católico praticante, como discípulo, como amigo.

Oxalá a sua alma descance em Paz.  
20-6-950.

J. GRAÇA

de consciência, e faltando lamentavelmente à verdade, o acusar de faltar ao cumprimento dos seus deveres paroquiais!...

P.º Inglês, deve ter sofrido com isso um dos golpes mais profundos da sua vida. Entretanto, confienciava serenamente com os seus amigos: «Sei o que eles querem. Pretendem criar complicações entre mim e o meu Prelado. Restame uma consolação; não sou acusado pelos católicos, mas pelos adversários da Igreja que eu tenho que defender, e pelos perseguidores dos fiéis e do clero, que são meus irmãos. É o lobo vestido com a pele do cordeiro. Deus sabe que é a Sua Santa Causa que eu defendo».

Tinha razão. Se alguma vez como jornalista de garra e Director de «A Regeneração», abordou assuntos estranhos ao seu ministério paroquial, fê-lo sempre em defesa dos interesses do seu concelho e do seu povo e com um apurmo e uma dignidade que confundem. A linguagem de cordel dos seus adversários... podia ele opor «a sua educação... os seus princípios...»

\* \*

Vou terminar. A ninguém deve surpreender ou escandalizar as malsinções de que são vítimas os bons. O Divino Mestre ao lado de nobres e fervorosas dedicações, também conheceu ódios gratuitos. Passou a vida a fazer Bem, mas nem por isso deixou de ter inimigos implacáveis. O Espírito Santo proclamou Bemaventurados àqueles a quem é dado sofrer ódios e perseguições com uma consciência ilibada. E no testemunho dessa consciência, o P.º Inglês encontrou força para sofrer as injustiças a que não podia ser indiferente o seu coração sensível e delicado. Sentia-se intimamente confortado com a palavra que o Senhor mandou transmitir pelo Profeta ao justo atribulado: — «Dizei ao justo que procedeu bem». E o P.º Inglês combateu sempre a bom combate. Se teve que levantar a voz foi em defesa dos direitos de Deus e da Igreja, e do seu Povo, e é por esses mesmos direitos e pelo respeito a que os católicos têm direito que

O

Caso de Figueiró dos Vinhos continua.

P.º CRUZ DINIZ

«Senhora, escreva qualquer coisa, que eu corrijo, e publicarei. É assim, que a mocidade se revela, e a senhora, tem de principiar...

Mas, se eu era tão pequenina, para enfrentar a crítica ao estilo pobre da minha prosa!

Assim, resolvi calar o brio, que com eloquência e entusiasmo, o Senhor Prior, sabia suscitar na juventude, que, nem sempre olha a vida, por um prisma cor de rosa!

Sou porém célebre, à hora dorosa, em que alguns dos seus amigos, numa sentidíssima homenagem póstuma, vêm dizer-lhe: — Presente!

Eu quis também traduzir, em levíssimas linhas, um pouco da minha muita admiração, pelo vibrante e nobre talento que foi, o Senhor Padre António Inglês.

É com verdadeira comção, que recordo, o Sacerdote invulgarmente inteligente e sensível, que me ministrou a minha 1.ª Comunhão, o meu mestre de 6 anos, no Colégio de Figueiró. Como a sua palavra fértil, parece ecoar ainda por esse Portugal além, qual brisa amena, a ciclar baixinho, em dias calmos dum verão ardente!

Católicos de Figueiró, o nosso Venerando Arcipreste partiu, e com ele, o Amigo das horas sombrias da nossa existência!

Mas nós, crentes, que ele formou e dirigiu, temos uma fé a lembrar-nos, que o Homem, não é só matéria, e depois cinza, que se esfarela numa campã!

Não! Para nós, algo de mais sublime, de mais espiritual existe. Não olvidaremos de certo, a calma que levou a tanto lar, onde a discórdia dilacerava os corações, a paz que ele restituiu, a tanta consciência intranquila.

Unamos as nossas preces, orvalhadas de saudade, para que elas subam a perfumar a sua Alma, como as espirais de incenso, que as suas mãos elevavam, até ao Altar do Senhor!

Coimbra, Maio de 1950.

MARIA ALICE DAVID DE ABREU

## EM GRATIDÃO E SAUDADE

23 de Abril. Quantas alegrias, quantas tristezas, terão acontecido neste dia! Feliz para uns, cruel e duro para outros.

Oh! para mim, como é triste, como é desolador, como é inesquecível!...

Perdi-Te, perdi tudo na vida.

Se soubesses, querido Tio, as vezes que o desânimo e até a descrença me tem evadido a alma!

Há tanta gente que anda no mundo só para uma vingança, só para o mal dos outros, e Tu, para quem a vida tinha uma só finalidade — fazer bem — morreste.

«Para cada um, um destino, para cada destino uma cruz».

Quantas horas de canseira, quantos trabalhos, quantos dissabores, e quem sabe até se privações, Tu passaste, sacrificando-Te só pelos outros que às vezes não mereciam o Teu sacrifício, o Teu amparo. Destes mesmos, quantas desconsiderações! e quando te-as apontavam, em vez de lhes guardares rancor como é próprio de quase todos os homens, quando com eles deparavas recebia-los sempre com uma saudação meiga, sempre com um sorriso nos lábios.

Quantos Te devem o pão de cada dia, quantos Te devem a felicidade do lar, quantos Te devem o alento da alma?!

Morreste... partiste para o mundo do além. Tudo se esvaiu, tudo se acabou, só a dor de Te perder e a saudade do Teu carinho, estarão sempre eminentes e bem patentes no nosso espírito.

Há uma dor que me regala, que me acompanha e sempre acompanhará pela vida fora: foi não ter estado junto de Ti nos últimos dias da Tua existência, não ter ouvido mais uma vez os teus conselhos, que eu às vezes ouvia com impaciência, mas que eram a prova evidente de quanto eras meu amigo. Não tive essa felicidade, e as últimas palavras que Te ouvi, quando de Ti me despedi foram: «Adeus, estuda, não te preocupes que isto vai melhorando e há-de passar».

Tudo sonho, tudo ilusão; quando voltei a ver-Te, jazias frio, pálido, inerte, inclausurado entre as tábuas duras dum caixão. Nunca sofri tanto, nunca senti assim a minha pobre existência totalmente vencida pela dor.

Tu morreste e contigo morreu o meu amparo... Já não sou ninguém, já nada espero na vida a não ser contrariedades.

Adeus querido Tio, pede a Deus por mim e por todos os teus amigos e inimigos.

Mesmo lá na vida extra-terrena, se sempre a minha estrela guardadora, o sol dos meus dias primaveris e o outono na minha velhice.

Com gratidão e saudade

MARIA TERESA

## Em homenagem

(Continuado da 2.ª página)

nhos, perdeu, com a sua morte, o último daquele punhado de nacionalistas de rija ténpera que elevaram o concelho ao grande nível de progresso que usufrue.

Foi ele, com os esforçados e combativos companheiros Drs. Martinho Simões, Simões Barreiros e Prof. Semedo, que arrancou Figueiró dos Vinhos da apatia em que vivia.

Foi um nacionalista daqueles de antes quebrar que torcer que, com o seu exemplo e o seu prestígio, que era grande, sempre defendeu com invulgar denodo o regime que nos governa.

Poderá alguém dizer que Padre Inglês se não evidenciou no campo de elevação material do concelho. Porém, quem conhecer a sua vida, quem conheceu as amicíssimas relações de amizade que sempre o ligaram ao falecido Dr. Simões Barreiros, grande propulsor do progresso do concelho, sabe muito bem, que a sua visão, decisão e inteligência estão perpetuadas aqui e além nos grandes empreendimentos levados a cabo durante aquele período a que podemos chamar período áureo da nossa terra.

Por outro lado, deve-se-lhe uma obra não menos importante e que fazia parte da sua missão de sacerdote: a educação moral do seu povo, daquele povo despido de preconceitos, alheio à maldade dos homens; daquele povo sincero e simples que a ele estava habituado, a ele obedecia há trinta anos e que de lágrimas nos olhos e preces nos lábios em preito de sincera homenagem o acompanhou à eterna morada, a junto do querido amigo que havia poucos anos a morte também levava.

A ele, muitos e muitos estão hoje devendo o pão de cada dia que minorou a fome em tantos e tantos lares.

Padre Inglês foi um trabalhador e, como tal, dava apreço aos que se elevavam pelo trabalho.

Era raro que qualquer operário lhe